

A METODOLOGIA NA PESQUISA GEOLINGUÍSTICA: O QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO

Jacyra Mota (UFBA/ CNPq)

RESUMO

Os questionários linguísticos para a constituição do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) diversificam-se, de acordo com os níveis de estudo da língua, em fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático, contendo, ainda, questões de pragmática, perguntas de natureza metalingüística, temas para a depreensão de discursos semidirigidos e texto para leitura. Destaca-se, aqui, o questionário fonético-fonológico (QFF), analisando-o, especialmente, quanto à relação entre o monitoramento da fala por parte do informante e a ocorrência de variantes estigmatizadas. Exemplifica-se esse fato com as variantes africadas palatais depois de semivogal palatal, em vocábulos como *muito*, *doido*, *prefeito*, *peito* (questões 077, 083, 117 e 138, respectivamente, e questão 079, em que o vocábulo *muito* ocorre junto à resposta *obrigado*), observando que as africadas, nessas questões, ocorrem com menor frequência do que nos trechos do inquérito menos monitorados pelo falante. Conclui-se que, se, por um lado, no QFF encontram-se variantes que se afastam daquelas usuais no vernáculo do informante, por outro, o confronto entre os diferentes tipos de discurso fornecidos pelos inquéritos do ALiB pode oferecer dados interessantes para a análise da variação diafásica e, em alguns casos, para a depreensão de mudanças em curso, no português do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: questionários linguísticos; Projeto Atlas Linguístico do Brasil; variantes africadas palatais

ABSTRACT

The linguistic questionnaires for the constitution of the *corpus* of the Linguistic Atlas Project Brazil (ALiB) are diversified in accordance with the levels of language study in phonetic-phonological, lexical-semantic and morphosyntactic, containing also the pragmatic issues, questions of metalinguistic nature, topics for the assimilation of semi-directed discourses and text reading. It is remarking though, the phonetic-phonological questionnaire (QFF), that is analyzed, especially about the relationship between the monitoring of the speech by the informant and the occurrence of variants stigmatized. It exemplifies the fact that palatal affricate variants after semivowel in words as *muito* (much), *doido* (crazy), *prefeito* (mayor), *peito* (breast) (issues 077, 083, 117 and 138, respectively, and issue 079, where the word occurs very close to the response required), noting that the affricates, in these issues, occur less frequently than in sections of the survey monitored by the speaker. It follows that if, on the one hand, the QFF, are variants that differ from those in the usual vernacular of the informant, on the other, the confrontation between the different types of speech provided by the ALiB investigations can provide interesting data for analysis on diaphasic variation, and in some cases, for assimilation of changes underway in the Portuguese of Brazil.

KEYWORDS: linguistic questionnaires; Linguistic Atlas Project in Brazil; affricate palatal variants

PRELIMINARES

Os questionários linguísticos, instrumentos de importância fundamental em pesquisas geolinguísticas, devem merecer especial atenção, na fixação dos procedimentos metodológicos que norteiam a constituição de *corpora* para a elaboração de atlas linguísticos, diversificando-se em função dos objetivos propostos, da área a considerar e, até mesmo, da relação entre recursos e tempo disponíveis.

Ao lado de questionários dirigidos, principalmente, à variação léxico-semântica e/ou fonético-fonológico, como nos atlas mais tradicionais, os questionários linguísticos hoje utilizados vêm incluindo também questões de natureza morfossintática, pragmática, metalinguística, etc.

A abrangência da área é um ponto a considerar, de tal modo que se incluam temas importantes para a sua caracterização geolinguística e não se despenda demasiado tempo com questões não pertinentes para uma determinada região.

No caso de um atlas que vise a abranger uma grande área ou todo um país, como ocorre com o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), é inevitável a inclusão de temas cuja pertinência varia de subárea para subárea, e, conseqüentemente, a presença de questões pouco produtivas, em certas áreas, como, por exemplo, no QSL, as que se referem a objetos de uso rural, em entrevistas a informantes de origem urbana.

1. OS QUESTIONÁRIOS DO PROJETO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL (ALiB)

Para a constituição do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), os questionários subdividem-se, de acordo com os diferentes níveis de estudo da língua, em fonético-fonológico (Questionário fonético-fonológico - QFF), semântico-lexical (Questionário semântico-lexical - QSL) e morfossintático (Questionário morfossintático - QMS), contemplando, ainda, questões de pragmática (QP), perguntas de natureza metalinguística (PM), temas para a depreensão de discursos semidirigidos e texto para leitura.

Nesta comunicação, destaca-se o questionário fonético-fonológico, analisando-o a partir dos inquéritos já realizados e de estudos preliminares, em andamento.

1.1 O Questionário fonético-fonológico (QFF)

O QFF do ALiB subdivide-se em duas partes: uma primeira que tem como objetivo o levantamento de variantes fônicas do português do Brasil, constituída de 159 perguntas que visam à obtenção de vocábulos exemplificadores de cada uma delas; e uma segunda, que pretende documentar, nos 1.100 informantes previstos, as mesmas frases interrogativas, afirmativas e imperativas, de modo a possibilitar a análise da variação entonacional entre as 250 localidades que constituem a sua rede de pontos.

Tendo-se realizado mais da metade dos inquéritos previstos (66,18%)¹, aí incluídos os de todas as capitais de Estado², pode-se avaliar o QFF, tal como inicialmente estruturado, destacando aspectos positivos e problemas que podem ser revistos nos inquéritos ainda não realizados ou em outras pesquisas geolinguísticas.

Consideram-se pontos positivos dos questionários do ALiB: a redação prévia de todas as questões, visando à maior uniformidade na realização dos inquéritos e, conseqüentemente, a intercomparabilidade dos dados obtidos; a variedade de tipos de questão (de nomear, de completar ou inseridas em contextos situacionais), de modo a reduzir o caráter artificial do diálogo informante-documentador e minimizar o implacável “paradoxo do observador” a que se refere Labov (1983); a utilização de recursos auxiliares como mímica, “realia” e gravuras; e, no caso do QFF, a abrangência de fatos linguísticos selecionados, com, pelo menos, dois exemplos de cada um, com diversificação dos contextos em que se inserem, com a possibilidade de ampliar-se o inventário com inclusão de outros vocábulos do próprio QFF ou de outros questionários, como se exemplifica a seguir, com vocábulos previstos no QFF para a análise da vogal média anterior oral (/E/), em posição pré-acentuada, variável importante para a depreensão de áreas dialetais no português do Brasil, como já salientara Nascentes (1953).

QFF: contextos previstos para a análise da vogal /E/ pré-acentuada

a) – Vogal inicial de palavra, em sílaba aberta:

ELÉTRICO; ELEFANTE_

b) - Vogal seguida de /S/ final de sílaba:

ESTRADA; ESCOLA; ESQUERDO_
DESVIO, DESMAIO

¹ Equivalente a 728 informantes documentados. Quanto a localidades, foram concluídos 157 inquéritos (= 62,8%).

² Excetuam-se Brasília e Palmas, não incluídas em virtude de serem cidades fundadas no séc. XX.

- c) – Vogal seguida de [e, o] na sílaba seguinte:
PENEIRA, **P**RE**F**EITO, **D**EFESA, TRAVE**S**SEIRO
CEBOLA; **P**ESCOÇO, **T**ESOURA
- d) – Vogal seguida de [a] na sílaba seguinte:
PECADO
- e) – Vogal seguida de [i, u] na sílaba seguinte:
FERIDA, **P**ERDIDA, **S**EGURO
- f) – Vogal seguida de vogais nasais ou nasalizadas na sílaba seguinte:
ELEFANTE, **P**ERDÃO **P**ERNAMBUCANO, **R**EMANDO **T**ERRENO
FERVENDO, **P**RE**S**ENTE, **P**ER**F**UME; **P**ER**G**UNTAR

Quanto à redação prévia das questões, no QFF, deve-se ressaltar que, embora se possa utilizar outra formulação, em caso de insucesso com a inicial, é importante observar a relação entre expressão e conteúdo, de modo que não se obtenham variantes distintas das que se pretende documentar. Por exemplo: a questão 07, referente a *caminha* (= cama pequena) visa não só verificar a nasalidade da vogal da 1ª. sílaba (*ca/cã*), condicionada pela consoante nasal subsequente, mas também a influência que o vocábulo *cama* pode exercer no diminutivo *caminha*, em áreas de menor grau de nasalização, nesse contexto. Desse modo, a obtenção da forma homônima *caminha* como 3ª. pessoa do indicativo presente do verbo *caminhar* não atende inteiramente ao pretendido no QFF.

Refere-se como uma das dificuldades na aplicação do QFF a não coincidência, nas 250 localidades que constituem a rede de pontos do ALiB, entre as denominações para os referentes que constituem o tema das perguntas. Assim, por exemplo, obtém-se, algumas vezes, no Nordeste, *azougue*, e não *ímã*, como resposta à pergunta “Como se chama aquilo que atrai objetos pequenos de metal, como agulha, prego, alfinete?” (QFF 13), com a qual se pretende verificar a nasalidade da vogal alta inicial seguida de consoante nasal; *galega* e não *loura/loira*, para “a pessoa que tem cabelos claros e amarelados” (QFF 136), incluída para documentar a conservação ou monotongação do ditongo na sílaba inicial, ao lado da alternância entre *ou* e *oi*; *jerimum* e não *abóbora* para “aquilo que dá no chão, grande (*mímica*), com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que se cozinha para comer, para fazer doce?” (QFF 32), destinada à análise das vogais postônicas não finais.

Um outro aspecto que tem sido observado na análise dos dados fornecidos pelo QFF é o monitoramento da fala por parte do informante, em virtude do tipo de pergunta mais frequente nesse questionário e do fato de ele se localizar no início do inquérito (procedimento adotado para reduzir a influência que a fala do entrevistador pode vir a exercer sobre a do

entrevistado). A variação com relação ao monitoramento é verificada quando se confrontam as elocuições obtidas no QFF e as registradas em outros tipos de questionário ou na parte final do inquérito, quando se apresentam temas para que o informante fale livremente sobre fatos marcantes de sua vida, sobre o seu trabalho, a respeito de programas de televisão ou relate um acontecimento ocorrido com uma outra pessoa.

A apreensão desse tipo de variação diafásica ou estilística foi comentada por MOTA (2002), com dados de inquéritos experimentais, realizados na fase de discussão e fixação da metodologia do ALiB, com o objetivo de testar os questionários e treinar futuros inquiridores. Foram analisadas, além da variação entre oclusivas dento-alveolares e africadas palatais, em formas como *muito*, *doido*, as realizações *remando*, *fervendo*, *dormindo* (como respostas ao QFF 52, 27 e 148, respectivamente) ao lado de ocorrências sem a consoante característica do morfema do gerúndio (*remano*, *ferveno*, *dormino*, etc.), em conversas espontâneas, assim como a alternância entre fricativas alveolares e laríngeas, em coda siábica, em exemplos como *me[z]mo* e *me[ú]mo*.

Nesta comunicação, retoma-se a variação diafásica a partir das ocorrências das variantes africadas palatais [tʃ, dʒ] depois de semivogal palatal, identificadas como africadas baianas, como em *muito* [Èmu)tSU], *doido* [ÈdodZU]¹⁸³, em capitais do Nordeste. Selecionam-se as capitais em que essas africadas se encontram, mais frequentemente, em falantes de menor grau de escolarização e da faixa etária mais velha, indicativos do menor prestígio ou da estigmatização dessas variantes e do andamento do processo de mudança em direção às variantes dentoalveolares [t, d].

Considerados os dados globalmente, destaca-se Aracaju com menor frequência (22%) das africadas e peso relativo menos elevado (0,47) nas respostas mais monitoradas, no QFF, e maior incidência (28%) e peso relativo mais alto (0,58) em comentários espontâneos, no decorrer ou no fim do inquérito. Cf. Tabela 1, a seguir:

³ O levantamento e a análise preliminar dos dados foi realizado pela bolsista de Iniciação Científica Andréa Mafra Oliveira dos Santos (PIBIC-UFBA).

TABELA 1
As africadas palatais [tS, dZ] depois de semivogal palatal,
segundo o tipo de discurso

TIPO DISCURSO	Aracaju		
	Oco.	%	p. r.
+ Monitorado	15/69	22	0,47
- Monitorado	69/247	28	0,58

Nível de significância= 0,000

As questões previstas no QFF para a obtenção do contexto favorecedor das africadas baianas são referentes aos vocábulos *muito* (QFF 077 e QFF 079, em que ocorre no sintagma *muito obrigado*), *prefeito* (QFF 083), *peito* (QFF 117) e *doido* (QFF 138).

Esse contexto encontra-se, ainda, em vocábulos como *suspeito*, documentado a propósito do QFF 104, em lugar de *inocente* para “um indivíduo que é acusado, embora não tenha praticado o crime”; *confeito* para *bombom*, *bala* (QSL 185), e, no decorrer do inquérito, em comentários espontaneamente feitos pelo informante ou nos relatos livres, solicitados em sua parte final, em nomes como *jeito*, *receita*, *direito*, *defeito*, *coitado*; em formas verbais de *deitar*, *aproveitar*, *cuidar*, *ajeitar*, *aceitar*; no particípio *feito*; nos numerais *oito* e *oitenta*; na interjeição *eita*, em trechos como:

“Ô rapaz, que novela que me marcô! Já achava bom! Foi uma novela bem *fe[tS]a* da pega!”

(Aracaju, informante masculino, de faixa etária 2, de nível de escolaridade fundamental, comentando a novela “A Escrava Isaura”, quando perguntado por programas de televisão de que gostava mais).

“Oh, principalmente, eu ia ajudá meu filho, porque meu filho não tem casa, mora na casa da sogra. Quiria tirá ele de qualquer *je[tS]o* ...”.

(Aracaju, informante feminina, de faixa etária 2, de nível de escolaridade fundamental, em resposta à questão “O que é que a senhora faria, se ganhasse na loteria?”).

“Ói, eu crio você desde *o[tS]o* ano de idade, viu? Você não faça feito suas prima não, viu? Eu quero que você case diretinho, viu?”

(Recife, informante feminina, de faixa etária 2, de nível de escolaridade fundamental, relatando um diálogo com a tia que a criou, a propósito de seu casamento, quando solicitado um relato de acontecimento marcante em sua vida).

“É, faz isso, ele *rece[tS]a... rece[tS]a* chá, banho e tudo”.

(Maceió, informante feminina, de faixa etária 2, universitária, explicando as ações do *curandeiro*, tema do QSL, 152).

“*E[tS]a*, rapaz, por incrível que pareça, eu esqueci !”

(Maceió, informante feminina, de faixa etária 2, de nível de escolaridade fundamental,, dizendo como responderia se alguém perguntasse por uma encomenda que ela não havia trazido, a propósito do QMS, 041).

1.2 As africadas palatais [tS, dZ] depois de semivogal palatal no vocábulo MUITO

Entre os vocábulos em que se documentam as africadas palatais, destacamos aqui *muito*, não só pela frequência com que ocorre, quer como determinante, quer como advérbio, durante todo o inquérito, mas também pelo fato de se documentar a africada apenas nesse vocábulo, na fala de alguns informantes, como, por exemplo, em Recife, nos informantes masculinos de faixa etária 1, nível fundamental (inf. 03), e de faixa etária 2, nível universitário (inf. 07), e, em Salvador, na informante feminina de faixa 2 e escolaridade fundamental (inf. 04). Entre as capitais do Nordeste destacam-se Salvador, Aracaju e Recife, por serem as localidades em que se observa mais claramente essa oposição entre os trechos monitorados e os não-monitorados, com relação ao vocábulo *muito*.

1.2.1 A variação diafásica em Aracaju

Em Aracaju, as 68 ocorrências de africadas no vocábulo *muito* se concentram na fala de indivíduos de nível fundamental (informantes 01, 02, 03 e 04), especialmente os da faixa etária 2 (03 e 04). Em informantes de nível universitário, registram-se apenas três ocorrências aos informantes masculinos de faixa etária 1 (05) e de faixa etária 2 (07).

Confrontando as elocuições monitoradas, registradas como respostas às questões 077 (*muito*) e 079 (*muito obrigado, -a*) do QFF, e as espontâneas, documentadas no decorrer do inquérito, observa-se a incidência de africadas nas últimas (65 ocorrências), ao lado de três exemplos nas respostas emitidas com maior grau de monitoração por parte do falante. Nos registros da informante feminina de faixa etária 1 (02) e dos informantes de nível universitário 05 e 07, há poucas variantes africadas em *muito* e essas se encontram apenas em elocuições não monitoradas, como se verifica no Quadro 1, a seguir.

QUADRO 1
Ocorrências da africada palatal [tS] no vocábulo *muito* em Aracaju

Tipo de discurso	Informantes								Total
	Nível fundamental				Nível universitário				
	01	02	03	04	05	06	07	08	
+ Monitorado	01	--	01	01	--	--	--	--	03
- Monitorado	04	04	20	34	01	--	02	--	65
Total (informante)	05	04	21	35	01	--	02	--	68
Total (escolaridade)	65				03				

No registro da informante feminina da faixa etária 1 (inf. 02), que utiliza a variante africada menos freqüentemente do que os demais informantes de escolaridade fundamental (04 ocorrências), documenta-se a realização *mun[tS]o* apenas nos temas para discurso semidirigido, na parte final do inquérito, quando ela se reporta a fatos presenciados por outra pessoa, no trecho:

INF. – Ah, meu marido sempre conta quanto chega. ‘Ô R., tinha um acidente lá na Treze ou lá na Barão. Tinha uma pessoa morto’. O horário que ele vem sempre tem essas coisinha assim. (...) É, por causa do engarrafamento que é *mun[tS]o*. Aí ele sempre conta que teve acidente, às vezes, o ônibus para pra eles ficarem olhando. Aí ele chega comentando que a... a batida foi *mun[tS]o* fea, o carro virô. (...).Que de cinco e meia em diante, aí o engarrafamento é *mun[tS]o* lá na Treze, na Barão de Maruim.

Quanto aos informantes masculinos universitários, o jovem (inf. 05) utiliza a variante *mun[tS]o* em elocução emitida com intenção estilística, como resposta à questão “Tem medo de viajar de avião?” (QMS 049); o informante da 2ª. faixa etária (inf. 07), nas observações: “Não perco *mun[tS]a* noite”, justificando o fato de não se lembrar de nomes de estrelas (QSL, 029), e “Ela perde *mun[tS]a* noite”, referindo-se à esposa. É interessante observar que, no decorrer do inquérito, esse mesmo informante atribui as realizações africadas, ao “sertanejo” e ao “pessoal do interiô e de poca cultura”.

1.2.2 A variação diafásica em Salvador

Em Salvador, registram-se 22 ocorrências da africada palatal, no vocábulo *muito*, 20 das quais na fala de informantes de nível fundamental, de faixa etária 2 (12 no informante masculino e 08 no feminino); as outras duas se encontram no registro de informantes de escolaridade universitária, um jovem (inf. 05) e uma senhora (inf. 08). À exceção de duas ocorrências no informante 03, as demais se encontram sempre em elocuições não monitoradas, conforme Quadro 2, a seguir.

QUADRO 2
Ocorrências da africada palatal [tS] no vocábulo *muito* em Salvador

Tipo de discurso	Informantes								Total
	Nível fundamental				Nível universitário				
	01	02	03	04	05	06	07	08	
+ Monitorado			02	--	--			--	02
- Monitorado			10	08	01			01	20
Total (informante)			12	08	01			01	22
Total (escolaridade)	20				02				

1.2.3 A variação diafásica em Recife

Em Recife, registram-se 35 ocorrências de africadas palatais em *muito*, sempre em elocuições não monitoradas, mantendo-se as oclusivas dento-alveolares nas respostas às questões 077 e 079 do QFF, como se verifica no Quadro 3.

QUADRO 3
Ocorrências da africada palatal [tS] no vocábulo *muito* em Recife

Tipo de discurso	Informantes								Total
	Nível fundamental				Nível universitário				
	01	02	03	04	05	06	07	08	
+ Monitorado	--	--	--	--	--	--	--	--	--
- Monitorado	12	02	07	09			05		35
Total (informante)	12	02	07	09			05		35
Total (escolaridade)	30				05				

A diferença de comportamento do indivíduo, em situações de registro monitorado, torna-se explícita no inquérito do informante masculino de nível fundamental, faixa etária 1 (01). Embora o informante já alterne as variantes africada palatal e oclusiva dentoalveolar, na primeira questão do QFF, e a africada palatal ocorra, um pouco mais adiante, também a propósito da questão 032 do QFF, a resposta *muito* é realizada com a oclusiva dentoalveolar, na resposta à questão 077 do QFF, como se verifica a seguir:

Questão 001

INQ. – Qual é o tipo de moradia mais comum aqui nessa região?

INF. – Tipo de moradia assim, muito... Como a senhora fala, o quê? Classe média?

INQ. - As pessoas moram mais em apartamento ou... ?

INF. – É vice-versa, né? São dividido. Porque *mun[tS]as* pessoa num tem ... num tem uma renda financêra de comprá uma casa ...

Questão 032

INQ. – Como é que se chama aquilo grande, que dá no chão (...) pra comer com comida.

INF. – É jirimum. Tem a casca amarela e por dentro ele é vermelho. INQ.

– Aqui tem muito?

INF. – Tem, tem *mun[tS]o* jirimum.

Questão 077

INQ. – Qual é o contrário de pouco?

INF. – *muito* [Èmu)j)tU].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de o Projeto ALiB encontrar-se ainda na fase de análise preliminar dos dados já se pode avaliar positivamente os procedimentos metodológicos adotados, na preparação dos questionários e na condução dos inquéritos, como nos exemplos citados.

Quanto ao levantamento de dados fônicos para análise e para a elaboração das cartas linguísticas, o aproveitamento de diferentes tipos de registros, a partir de questionários diversificados, tem-se mostrado importante, especialmente para a apreensão da variação diafásica, pouco explorada em trabalhos geolinguísticos, e, em geral, indicadora da estigmatização de certas variantes e de processos de mudança em curso no português do Brasil.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci; ARAGÃO, Maria do Socorro; CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra; KOCK, Walter; ZÁGARI, Mário. *Atlas Lingüístico do Brasil*. Questionário 2001. Londrina: UEL, 2001.

LABOV, William *Modelos sociolingüísticos*. Trad. de José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Cátedra, 1983. [*Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972].

MOTA, Jacyra. A variação diafásica no português do Brasil. *Revista de Letras*, Fortaleza, Edições da Universidade Federal do Ceará, no. 24, v.1 /2, p. 70-74, jan./dez. 2002.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.